

APOIO:



Todos os direitos reservados: ABRALIN

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Magno Nicolau

REALIZAÇÃO:
ABRALIN

ISBN 978-85-7539-446-5

A534

Anais - VI Congresso Internacional da Abralín /
Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.
4604p. VOLUME 2

1. Lingüística 2. Hora, Dermeval da.

CDU 801



EDITORA LTDA.
(83) 3222-5986

www.ideiaeditora.com.br
ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

EDUCAÇÃO INDÍGENA: DESENCONTOS ENTRE UMA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DOCENTE

Hellen Cristina Picanço Simas – PROLING/UFPB/RH-POSGRAD/FAPEAM/CAPES
Regina Celi Mendes Pereira – UFPB

0 Introdução

O presente trabalho trata das concepções dos professores Potiguara de Monte-Mór sobre a Educação Escolar Indígena, fazendo, ao mesmo tempo, um confronto delas com as propostas para o ensino de línguas do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI, a fim de observarmos em que medida os posicionamentos dos professores aproximam-se e/ou distanciam-se da proposta nacional de Educação Escolar Indígena, referendada no RCNEI. Nosso procedimento de análise foi primeiro entender os princípios que norteiam a Educação Escolar Indígena; segundo, realizar entrevistas com 4 (quatro) professores potiguara e, por fim, comparar ambos os dados. Passemos a conhecer os docentes que fizeram parte desse estudo:

Professor 1: é indígena, com formação superior em Geografia, lecionava Língua Portuguesa no 6º e 7º anos;

Professor 2: é indígena, não possui formação superior, lecionava Língua Portuguesa no 5º ano;

Professor 3: é indígena, possui formação superior em Geografia, lecionava Língua Tupi no 6º ano;

Professor 4: é indígena, com formação superior em História, lecionava História no 6º ano.

As entrevistas foram realizadas individualmente nos intervalos das aulas ou em um dia marcado pelos entrevistados. Eles só conheceram os questionamentos no momento da entrevista. Procedemos dessa forma para não haver uma elaboração prévia das respostas ou influência de outras pessoas na opinião do entrevistado, visto que o mesmo, conhecendo previamente as questões, poderia pedir opiniões a colegas ou familiares, ou consultar livros, o que comprometeria a fidedignidade das suas respostas pessoais, interferindo em sua espontaneidade.

Sabendo que poucos são os que se sentem à vontade perto de um gravador de voz, procuramos deixar o entrevistado o mais à vontade possível, deixando a conversa fluir livremente, interrompendo somente quando o entrevistado silenciava, mostrando-se apto a responder o questionamento seguinte. Pretendíamos, dessa forma, obter um discurso natural e rico de informações sobre os questionamentos levantados.

Criamos um roteiro de entrevista, mas nem sempre ele foi seguido, devido ao direcionamento que o entrevistado dava ao diálogo, ou seja, muitas vezes ele naturalmente respondia uma questão que perguntaríamos mais adiante ou já mencionava que não conhecia determinado assunto, logo, não tínhamos como fazer outras perguntas referentes a ele, passando para outra problemática.

Para o leitor acompanhar melhor as respostas dos nossos entrevistados, esclarecemos que suas falas são transcritas literalmente, não se corrigindo as concordâncias verbais, nominais, repetições ou variações lingüísticas e utilizamos os símbolos da análise da conversação, orientados por Marcuschi (1986), para reproduzir alguns recursos da fala, sendo eles: (+) pausas; (incompreensível) dúvidas ou incompreensões; / truncamentos bruscos; ::: alongamento de vogal; (()) comentários do analista.

1. Os princípios da Educação Escolar Indígena segundo o RCNEI

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) foi criado em 1998, visando ser um meio norteador para a implementação de um novo modelo de ensino: a Educação Escolar Diferenciada. Ele desempenha a mesma função dos PCN para com as escolas nacionais. O RCNEI é dividido em dois grandes eixos: o primeiro apresenta os fundamentos gerais, a história, a

legislação e a situação atual da Educação Escolar Indígena; o segundo sugere orientações para a construção do currículo escolar, mostrando por que e como trabalhar as Línguas, a Matemática, a História, a Geografia, as Ciências, a Arte e a Educação Física.

A proposta lançada pelo documento em estudo tem como fundamentos o reconhecimento da multietnicidade, pluralidade e diversidade dos povos nativos, existentes no Brasil; da educação e conhecimento próprios dos aborígenes; da autodeterminação dos povos nativos; da comunidade educativa das comunidades indígenas e da necessidade de uma educação intercultural, específica, comunitária e diferenciada. Diante disso, a escola indígena, segundo o RCNEI (2005, p. 24-25), tem como características ser comunitária, intercultural, bilíngüe/multilíngüe, específica e diferenciada.

O RCNEI (2005, p. 29) adota como princípios da Educação Escolar Indígena as propostas da Declaração de Princípios (proposta de política para a Educação Escolar Indígena) elaborada pelos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, pertencentes aos povos Aripuanã, Baniwa, Baré, Dessano, Jaminawa, Kaxinawa, Kambeba, Kampa, Kocama, Kulina, Macuxi, Mayoruna, Marubo, Miranha, Munduruku, Mura, Pira-Tapuia, Shanenawa, Yanomami. O documento foi elaborado durante o IV Encontro dos professores indígenas em Manaus (AM), nos dias 16 a 20 de outubro de 1994. Passemos a conhecer as orientações do referido documento.

- 1 – As escolas indígenas deverão ter currículos e regimentos específicos, elaborados pelos professores indígenas, juntamente com suas comunidades, lideranças, organizações e assessorias.
- 2 – As comunidades indígenas devem, juntamente com os professores e as organizações, indicar a direção e a supervisão das escolas.
- 3 – As escolas indígenas deverão valorizar culturas, línguas e tradições de seus povos.
- 4 – É garantida aos professores, comunidades e organizações indígenas a participação paritária em todos as instâncias – consultivas e deliberativas – de órgãos públicos governamentais responsáveis pela educação escolar indígena.
- 5 – É garantida aos professores indígenas uma formação específica, atividades de reciclagem e capacitação periódica para seu aprimoramento profissional.
- 6 – É garantida isonomia salarial entre professores índios e não-índios.
- 7 – É garantida a continuidade escolar em todos os níveis aos alunos das escolas indígenas.
- 8 – As escolas indígenas deverão integrar a saúde em seus currículos, promovendo a pesquisa da medicina indígena e o uso correto de medicamentos alopáticos.
- 9 – O estado deverá equipar as escolas com laboratórios, onde os alunos possam ser treinados para desempenharem papel esclarecedor junto às comunidades no sentido de prevenir e cuidar da saúde.
- 10 – As escolas indígenas serão criativas, promovendo o fortalecimento das artes como forma de expressão de seus povos.
- 11 – É garantido o uso das línguas indígenas e os processos próprios de aprendizagem nas escolas indígenas.
- 12 – As escolas indígenas deverão atuar junto às comunidades na defesa, na conservação, na preservação e na proteção de seus territórios.
- 13 – Na escola dos não-índios será corretamente tratada e veiculada a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros, a fim de acabar com os preconceitos e racismo.
- 14 – Os municípios, estados e a União devem garantir a educação escolar específica às comunidades indígenas, reconhecendo oficialmente suas escolas indígenas de acordo com a Constituição Federal.
- 15 – Deve ser garantida uma Coordenação Nacional de educação escolar indígena, interinstitucional, com a participação paritária de representantes dos professores indígenas (SANTOS, 2006, p. 144).

Muitos desses anseios já são garantidos em leis como a Constituição Federal e a lei de Diretrizes e Bases da Educação. Essas 15 (quinze) orientações caracterizam, portanto, a educação escolar dos povos nativos, visto estabelecerem desde como deve ser a administração escolar às responsabilidades dos Municípios, dos Estados e da União para com a Educação Escolar Indígena.

2. Luta e Construção da Educação Escolar Indígena na Comunidade Potiguara de Monte-Mór

Conhecido os princípios da Educação Escolar Indígena, segundo o RCNEI, quais as visões do professor indígena da escola de Monte-Mór sobre o assunto em pauta? Passemos a conhecê-las.

Professor 1.

Questão: **O que você entende por Educação Escolar Indígena?**

É::: a Educação Indígena eu entendo como um processo até de valorização e respeito das comunidades da qual ela está inserida. Quando a gente fala de Educação Indígena, a gente tem que (+)/ em termos de Paraíba, aonde nos estamos falando do povo Potiguara né? Das 26 aldeias, das 3 terras indígenas que compõe o povo Potiguara, a Educação Indígena é algo novo, que nós estamos vivendo o momento da descoberta do que poderá vir a ser essa Educação Indígena. [...] Só que em termos de Potiguara a gente tem essa ênfase maior em termos de educação indígena a partir de 4, 5 anos atrás com mais força, no é isso ? E::: há uns 10 anos co:::m ela chegando por aqui. Aqui em Monte-Mor nós temos 4 anos de educação diferenciada indígena, como o nome indígena diferencia, numa escola chamada Guilherme da Silveira que era uma escola tradicional construída pelos Lundgreen, um grupo alemão que criou a cidade de Rio Tinto que está sobreposta a aldeia é::: de Monte-Mór. E há 4 anos atrás aconteceu o que a gente chama de *Retomada*, ou seja, a gente retomou essa escola da aldeia para que ela ofereça a Educação Indígena Diferenciada. Só que a Educação Indígena Diferenciada hoje é algo que não está pronto, como a educação nunca consegue está pronta, a educação sempre é algo mutável. A educação Indígena / estamos vivendo um momento de descoberta, o que vai ser a educação indígena realmente. No caso é::: aqui de aqui em Monte-Mór nós estamos trabalhando muito forte é::: na construção da proposta político-pedagógica da escola e do currículo escolar. Nós estamos prevendo hoje oferecer as crianças que é um debate muito interessante, que é a questão do Tupi-Garani. É você sabe os Potiguara, eles perderam a língua mãe, então é::: há essa tentativa de resgate do Tupi-Garani dentro da grade curricular, quer dizer, é um desafio muito grande que a gente tá tentando buscar. Como também a questão da Arte Cultura, a disciplina de arte que existe aí no currículo tradicional nós já mudamos e acrescentamos a Arte Cultura, que é uma forma de tá valorizando também a arte e a cultura. Como também Etnohistória que entrou nesse ano agora no currículo escolar, tem buscado trazer aos alunos a contextualização da história indígena do povo que eles estão inserido. Ou seja, se eu te falar que a educação tá pronta, eu não concordo, se disser que a educação indígena está sendo construída, é uma realidade, se eu disser que é fácil, também não, porque às vezes os próprios gestores que deveriam amparar muitas vezes não entendem a proposta, não conhecem o que é a proposta. Então é uma luta diária, mas eu acho que a educação indígena eu definiria ela como::: algo bom que poderia ainda ser melhorado (PROFESSOR 1, 2007).

Nosso primeiro professor entende que o povo Potiguara está ainda começando a entender o que é a Educação Escolar Indígena. No entanto, esse processo novo, pois iniciou há mais ou menos cinco anos, valoriza e respeita a sua comunidade. Eles tentam construir a Educação Escolar Indígena mudando o currículo da escola de educação normal, retomada pela comunidade. Acrescenta-se na grade de disciplinas, segundo o professor, o Tupi-Garani, a Etnohistória e a Arte Cultura. Esclarecemos que se referir à nomear tupi-guarani a língua indígena ensinada na escola potiguara é um equívoco, posto que, segundo o dicionarista Tibiriçá, tupi-guarani é um tronco étnico:

Outro fato a esclarecer é que, falam-se às vezes numa língua tupi-guarani, sem que se saiba o que isto significa. O Tupi-guarani diz respeito ao tronco étnico, do mesmo modo que nos referimos ao indo-europeu, frígio-armênio etc. Tupi-guarani, ou Macro-

tupi, como estabelece o Instituto 'Bernadino Sahagun', é um conjunto de dialetos falados em quase todos os países da América do Sul. Portanto, falar de um certo idioma tupi-guarani, não tem propósito (TIBIRIÇA, 1984, p.11).

A língua falada no passado pelos Potiguara era a Tupinambá, com o tempo ela foi modificada pelos jesuítas e passou a ser chamada de Tupi Antigo ou Tupi Jesuítico.

A posição do entrevistado mostra que a educação escolar, de fato, está sendo construída. Percebe-se um dilema na resposta evidenciando que não se entendeu completamente a proposta, porém procuram meios de desenvolver a educação escolar com base nos valores indígena, sem deixar de trabalhar também os valores dos não-índios no contexto escolar. Vemos que a comunidade tenta inserir disciplinas que venham ensinar os valores e as práticas sociais da comunidade, a fim de criar uma educação escolar pautada na valorização de sua identidade indígena.

Fizemos a mesma pergunta ao professor 2: **o que você entende por Educação Escolar Indígena?**

Educação indígena, educação indígena tem (incompreensível), quem resumindo, começou esse negócio foi minha irmã né? A minha irmã pegou, com o tempo ela resolveu casar, aí deixou essa responsabilidade comigo. O que eu entendo é que é difícil de si trabalhar porque além de se dá o contexto assim básico, do normal, dos brancos é mais difícil porque tem que lidar muito com a comunidade, com os pais dos alunos, se envolvem muito, principalmente que tem muita perseguição essa educação indígena é um negócio muito difícil de lidar, tô 4 ano trabalhando aqui, mai pra mim foi uma dificuldade, até hoje é uma dificuldade porque tem que lhe dá, é muito difícil lidar com a educação indígena (PROFESSOR 2, 2007).

O professor 2 não chegou a conceituar o que lhe perguntamos, porém fez a distinção entre Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Normal, dizendo que na Educação Escolar Indígena trabalha-se com os dois contextos: o dos não-índios e o do indígena. Quer dizer, procura-se ensinar tanto os assuntos da escola nacional, quanto os orientados pela comunidade indígena. Para ele, esse tipo de educação mostra-se difícil de realizar porque lida com a comunidade. A escola indígena permite maior intervenção da comunidade, seja dando sua opinião sobre as atividades a serem realizadas na escola, seja opinando e reclamando sobre a atuação dos professores, assim a qualquer momento que a comunidade se sentir insatisfeita com a atuação deles, pode solicitar ao cacique que substitua o professor. Por outro lado, o professor 2 revela que essa educação sofre muitas perseguições. Muitas pessoas, no nosso entendimento, devem criticar e atrapalhar os trabalhos da escola, bem como inibir as lutas para se conseguir transformar a escola de educação escolar normal para escola de educação diferenciada.

O professor 3 apresenta o seguinte entendimento de Educação Escolar Indígena:

É de grande importância porque o índio está na sua área. A escola está dentro de tudo. Tem que resgata é::: seus costumes, sua:::/. A educação em si né? A língua no caso o tupi, tupi que tá sendo resgatado, o tupi antigo e as demais matérias assim desde que envolva, envolva a comunidade, envolva os assuntos que a ele tenha interesse assim vamos dizer na parte arte cultura como tá a cultura dele? E na história resgatar sua própria história entendeu? Na Geografia é vamos dizer como tá o relevo, tudo aquilo que atinge a ele assim em si, como é que si diz? Assim no espaço que ele convive porque ele tem que tá informado disso, então a educação indígena no sentido de escola é de fundamental importância porque com certeza ele tem que ser orientado, ele tem que ser informado e através de que? De professores né? Porque a criança indígena, ela não nasce sabendo de nada, sabendo se é índio ou isso outro, então ela tem que ir pra escola pra aprender, então, em termos de educação, escola é isso aí (PROFESSOR 3, 2007).

Para esse entrevistado, os conteúdos diferenciados e voltados para os interesses da comunidade caracterizam a Educação Escolar Indígena. Causou-nos surpresa a explicação do professor quando ele afirma que sem a escola, a criança não fica informada sobre sua identidade, ou seja, se é indígena ou não. Para nós, essa opinião parece exagerada, pois é evidente que a criança chega à escola com uma leitura de mundo e com conhecimentos sobre sua realidade. A escola os fortalece e amplia, pelo menos é o que se espera, mas não é esse o local de tomada de consciência étnica por excelência. Na realidade, entendemos que o movimento no contexto da Educação Escolar Indígena é de tentar trazer para escola indígena, para o discurso institucional um conhecimento há muito difundido na comunidade, porém, menosprezado pela forma de ensino imposta anteriormente.

O professor 4 expôs também sua concepção sobre Educação Escolar Indígena:

Olha minha visão da questão da educação indígena é a questão da educação diferenciada. É o que eu vejo no meu ponto de vista de diferente em relação à educação indígena. Como se trabalha a questão da cultura na escola, a questão como se trabalhada a história indígena dentro da escola. (incompreensível) Tem algumas coisas que estão sendo acrescentadas, como etnohistória, arte cultura, o tupi. Essa, essa é a diferença entre a educação básica do ensino fundamental normal e a educação indígena. Se trabalha muito com essa teoria da educação diferenciada, então tem essa diferença no sentido arte cultura de se trabalhar todo artesanato, todo o desenvolvimento da cultura; da etnohistória para que os alunos tenham o conhecimento de como é o processo da história indígena como se dá todo o processo e da língua tupi que tá sendo acrescentada dentro das comunidades pra que os alunos e a comunidade indígena de um modo geral aprenda a importância da língua e até aprenda a falar, que se tente pelo menos a aprender a falar a língua tupi. Essa é a questão, a gente entende que o trabalho que tá sendo feito procura ser muito bem desenvolvido dentro de todas as aldeias com seus prós e com seus contras, mas a questão da educação diferenciada eu vejo muito por esse lado a questão de acrescentar essas disciplinas pra que a comunidade tenha uma idéia do que é a história indígena, do que é a educação, a arte da cultura indígena (PROFESSOR 4, 2007).

Para esse professor, a Educação Escolar Indígena caracteriza-se pela diferença. Então, disciplinas como Etnohistória, Arte Cultura e Tupi formam o conjunto de conhecimentos indígenas que compõem o ensino escolar dessas comunidades, fazendo com que a educação escolar nacional se torne indígena.

É bem nítido nas palavras do professor o discurso do resgate, ou seja, o projeto da educação escolar visa resgatar conhecimentos via algumas disciplinas. Discurso que se contrapõe à história evolutiva das sociedades, pois é sabido que todas as culturas estão sempre se transformando e se ressignificando, principalmente em contexto de contato. Logo, o projeto de implantação da educação escolar diferenciada deve fugir das “concepções caricaturais muito frequentes em teses acadêmicas: ‘O índio como agente de resgate cultural’, ‘buscar recuperar a cultura ou o índio, etc’” (ORLANDI, 2002, p. 235). O indígena tem que ser colocado no centro do processo educacional,

como *sujeito que pratica sua cultura*, e se transforma, transformando-a. Ao invés de se falar em ‘resgate’, é melhor assumir a relação transformadora e pensar em criar condições para que se desenvolvam práticas em que haja *re-significação* dos sentidos (cultura) e dos sujeitos (índios) (ORLANDI, 2002, p. 235, grifos do autor).

Pensar dessa maneira é sair do objetivo do retorno a um passado que de forma alguma pode ser recuperado e chegar à proposta de compreensão da situação de linguagem e de vida em que os povos estão envolvidos atualmente para fazerem uma ressignificação do passado a fim de fortalecerem sua identidade, via educação escolar. Para irmos mais a fundo na discussão sobre o que é a Educação Escolar Indígena para os Potiguara de Monte-Mór, levantamos mais um questionamento aos professores, a saber:

Professor 1

Questão: qual a diferença entre a educação escolar indígena e a educação escolar não-indígena?

È eu acho que a diferença ela surge a partir da proposta, não é isso? Eu acho assim a educação (+), o que é Educação não-indígena? A Educação não-indígena ela é a educação universal, se agente pegar um município em Santa Catarina, ele tem a grade curricular é::: que rege o Português, a Matemática, a História, Geografia, a Ciências; se eu pegar uma escola no Amazonas, uma escola aqui na Paraíba, aqui no nordeste né? È aquela grade que uni todos numa proposta de educação. A Educação Indígena é ela tem/é diferente. Porque a Educação Indígena é diferente? A educação indígena ela valoriza a cultura do povo da qual ela está inserida. Por exemplo, há uma grade curricular, as aulas começam em fevereiro, março, termina em dezembro, é::: para os indígenas Potiguara, por exemplo, é interessante que seja da mesma forma essa mesma grade curricular? Na educação tradicional, é eles comemoram várias datas cívicas ou não que pertencem à cultura branca, para os povos indígenas, para o povo Potiguara é essas mesmas datas? A educação é... há uma contextualização com valores no caso né? Os valores que são passados pela escola tradicional são os mesmos valores que a escola indígena, que os povos indígenas valorizam? Então eu acho que a educação indígena tem esse principal contexto: de poder é::: trabalhar em sala de aula com as comunidades indígenas os valores ao qual elas respeitam, os valores ao quais elas precisam ser trabalhados, que nem sempre são os mesmos valores que a escola tradicional branca trabalha. Então para isso é a educação indígena para trabalhar o específico, é::: o que tem valor para as comunidades indígenas. Então que é nesse contexto que a escola indígena entra na questão do resgate da valorização da cultura daquele povo (PROFESSOR 1, 2007).

Ao questionarmos diretamente a diferença entre ambas as formas de educação escolar, o professor foi além da citação dos conteúdos presentes na Educação Escolar Indígena e opinou que os valores da cultura indígena inseridos no contexto escolar são a principal diferença entre as propostas de educação. Ou seja, as tradições indígenas, visão de mundo e comportamentos sociais, que formam a educação Potiguara, aquela repassada pela comunidade educativa e sustentada pelas famílias, passam a formar a base da educação escolar, configurando, segundo nosso entrevistado, a principal diferença no modelo de educação escolar adotado nas comunidades nativas. Pensamento que traduz bem a concepção de Educação Escolar Indígena presente no RCNEI.

È interessante notar que o professor ao falar de resgate, não o concebe da mesma forma do professor 4. Resgate para o professor 1, quer dizer inserir na escola os valores existentes na comunidade. Não deseja busca algo no passado que deixou de existir, mas pensar resgate como inserir na escola os aspectos atuais que formam a sua cultura Potiguara. Pensamento com o qual concordamos, pois entendemos que dessa maneira se estará trazendo para dentro da escola as necessidades da comunidade nativa e as formas atuais de manifestação de sua identidade indígena.

O professor 2 vê a diferença entre Educação Escolar Indígena e Educação Escolar não-indígena de outra maneira, vejamos:

Qual a diferença (+) pra mim, (+) qual a diferença ((murmurando)), a diferença não-indígena como se diz, fala muito, é uma educação muito, ele quer saber mais da quantidade e não da qualidade, noi não na educação indígena nós busca mais saber da qualidade do aluno (+). Busca muito mais saber da (incompreensível) nem que queira nem queira bota, nói dá a educação tradicional, mai tem que jogar pra cultura dele, pra realidade dele (PROFESSOR 2, 2007).

Apesar da dificuldade em responder a pergunta, o professor afirma que a diferença entre ambos os tipos de educação escolar, ocorre porque a Educação Escolar Indígena está mais preocupada com a **qualidade** do ensino-aprendizagem de um determinado assunto do que com a **quantidade** de assuntos a serem ensinados num ano letivo, como geralmente preestabelece um currículo escolar. Ou

seja, a efetiva formação do aluno é o objetivo maior dessa educação escolar. Logo, o professor tem consciência de que só deve iniciar um assunto novo, quando notar que os alunos dominam o assunto ensinado. Método pelo qual, se realmente aplicado, proporciona a efetiva qualidade, por exemplo, no ensino-aprendizagem de línguas.

Por outro lado, o professor 2 entende que a diferença também está no fato de ter que ensinar a educação tradicional (das escolas nacionais), relacionando-a à cultura indígena. Isto é, tenta-se aproximar a educação tradicional (não-indígena) à realidade da comunidade. Visão oposta a do nosso informante anterior (professor 1): enquanto o primeiro vê os valores indígenas na base do que vai ser ensinado na escola, o professor 2 vê que a base da educação escolar é a educação tradicional (do não-índio), sendo esta “jogada” ou relacionada com a realidade indígena. Como se, na medida do possível, cada disciplina fosse adaptando seus conteúdos ao que a comunidade necessita. Entendemos, todavia, que os valores indígenas têm que estar na base da educação escolar, do contrário a sonhada Educação Escolar Indígena não será construída, ficará na teoria, pois as verdadeiras mudanças partem de dentro da comunidade e não de adaptações nos valores advindos de fora. A concepção do professor 2, neste momento, afasta-se, portanto, da visão do RCNEI.

O professor 3 nos fornece uma outra visão sobre as diferenças entre Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Tradicional (não-indígena). Vejamos:

Eu acredito que tem que ser diferenciada, com certeza ela não pode..., um aluno da escola normal..., normal que eu digo assim que não é indígena, ele... o professor tem que formar, prepara ele como cidadão né?, (incompreensível) mas na escola indígena é diferenciada sim, não pode ser igual à outra porque temos preceitos, os costumes, sua etnia, tudo pra ele ser informado e com isso preservar tudo isso. Aí tem que existir a diferença tem que existir não é assim eu, como professora de escola indígena, eu só dá as matérias dos livros, não eu tenho que trabalhar também os temas transversais né? Os próprios problemas que aparecem na própria comunidade, o índio (incompreensível). O índio, se ele vive na aldeia, ele tem acesso à agricultura, à pesca, à caça né? Na escola indígena a própria escola também tem que dá aula sobre isso para envolver mesmo ele na comunidade, como ele fazer assim... formar a sua agricultura, orientar no caso, não que vá assim ...vai orientar o aluno o alunado, vai motivar, orientar vai fazer com que / eu deixo bem claro pro meus alunos que eles têm que tá na escola dele porque não adianta ele ir para outra escola, ela vai ter todos os recursos, projetos podem ser aceitos, tem vantagens pra ele, ele na escola dele, não tem nada que tá estudando em outras escolas, ele tem que procura a escola e valorizar a escola que tá dentro da comunidade dele, eu deixo isso bem claro para meus alunos (PROFESSOR 3, 2007).

O professor concebe a educação escolar com duas finalidades que a distinguem da educação normal: tem a finalidade de informar os alunos sobre a cultura indígena de maneira geral e orientá-los sobre uma conduta. A diferença para este professor Potiguara de Monte-Mór reside em trazer a realidade do povo de Monte-Mór para sala de aula. Compreendemos que, além de informar, a escola discute, transforma e redefine conceitos; o aluno não é um mero receptor, mas co-autor de práticas discursivas. Daí entendermos que a diferença entre Educação Escolar Indígena e não-indígena seja mais abrangente e ativa, no sentido de que a Educação Escolar Indígena não só informa e orienta, mas modifica, estabelece e constrói na interatividade com os alunos e com a comunidade uma nova proposta de ensino-aprendizagem. O discurso desse professor aproxima-se do discurso do RCNEI ao entender que a educação tem que se voltar para a cultura dos indígenas, porém se distancia ao evidenciar uma certa passividade dos alunos no processo educativo, contrariando a visão do RCNEI de que os indígenas são agentes construtores de sua educação escolar.

Informamos que não fizemos essa pergunta ao professor 4 porque, espontaneamente ele respondeu a mesma quando lhe fizemos o questionamento 1. Finalizamos nossa entrevista sobre esse tema, perguntando a seguinte questão aos nossos entrevistados: **qual a sua expectativa em relação à educação escolar indígena diferenciada?**

Professor 1:

O caminho é longo, é preciso muito trabalho ainda, é preciso ainda compreensão do que é educação diferenciada indígena, mas eu acho que os primeiros passos já foram dados, tá se buscando, tá se correndo atrás, e acho que o restante só o futuro poderá dizer se chegaremos lá ou não (PROFESSOR 1, 2007).

Professor 2:

È uma luta muito grande, mas com certeza na persistência dos professores vamo conseguir, vamo conseguir mesmo. Através de muita luta, que noi, já vai pra 4 ano trabalhando, que eu to trabalhando se não fosse a persistência de noi, sem a educação indígena através de muita pesquisa, nos tem que pesquisar porque não tem um conteúdo específico assim por Português para Matemática por que nós tem que pegar o Tradicional e passar para a realidade deles. Ma com certeza a expectativa aqui é muito grande. De resolver os problema interno dentro do grupo vamos conseguir (PROFESSOR 2, 2007).

Professor 3:

Se melhorar cresce, porque eu vejo assim as críticas: “aquela escola indígena dizem que é índia, mas não sabem falar nem a língua deles”. Então acho que tem que melhorar e crescer. Minha perspectiva é valorização, de melhora e valorização, tanto quanto as outras matérias, mas o índio/é de fundamental importância tem que resgatar todos os seus costumes, todas as coisas assim, que dizem respeito a ele. Porque só assim, eles podem lutar, podem correr atrás né? De projetos, ser valorizado, eu desejo muito isso ser valorizado. Valorização que agora no momento ta muito lenta. Muito devagar muito lenta, precisa conquistar mais (PROFESSOR 3, 2007).

Professor 4:

A expectativa realmente é muito pequena porque a gente não vê o interesse grande a:::, não, eu não digo dos professores, mas assim de modo geral claro que todo mundo geralmente tem uma parcela de culpa, você tem que ter compromisso com a educação e os alunos têm que ter o compromisso em estudar só que a gente vê o compromisso muito pequeno, o compromisso dos professores tão empenhado, tão na escola, trabalham, uns mais do que outros. Isso é fato, isso é normal em todo setor da educação, mas por parte, assim, por participação da comunidade dos alunos de modo geral, você não vê aquele interesse enorme, então, assim, a gente vê que sempre vai existir eu acredito que esse resgate de cultura de causa reconhecimento de causa, sempre vai ter, só que, assim, de uma forma que vai continuar com muita dificuldade, então tem que ter um cuidado muito grande uma cautela, pois pode acabar (PROFESSOR 4, 2007).

Dois professores vêem positivamente a implementação da educação escolar indígena, um espera a valorização dela, outro não tem tantas esperanças, acha que esse projeto educacional pode acabar. O professor 1 entende que a Educação Escolar Indígena ainda não foi bem entendida, mas que se está agindo para compreender e tornar praticável essa proposta. Nosso segundo entrevistado segue a mesma linha de raciocínio do primeiro, enquanto o professor 4 revela que a comunidade e os alunos não estão tão empenhados na construção da educação diferenciada. As ações se restringem, segundo ele, às atividades dos professores. O professor 3, por sua vez, diz que a falta de interesse dos alunos é a principal dificuldade para implantação da Educação Escolar Indígena.

Considerações Finais

Os posicionamentos dos professores levam-nos a concluir três conceitos para Educação Escolar Indígena dos Potiguara: primeiro, o de que é uma proposta em construção de valorização e respeito às comunidades nativas; segundo, a Educação Escolar Indígena seria o viés por onde a criança adquire consciência de sua etnicidade; terceira, resume-se às disciplinas acrescentadas no currículo escolar. Discursos díspares na conceituação da proposta, igualando-se somente quando tratam das medidas tomadas para modificar o currículo escolar, ou seja, inclusão das disciplinas citadas anteriormente.

Dos princípios da Educação Escolar Indígena citados no início deste artigo e presentes no RCNEI somente dois foram citados: a necessidade de uma educação específica e diferenciada (quando o professor 1 fala sobre a necessidade de se ter um calendário específico, datas comemorativas da comunidade) e os conhecimentos próprios da comunidade (quando os professores falam das disciplinas criadas para repassarem os valores da comunidade Potiguara de Monte-Mór). Isso mostra o desconhecimento das propostas da política pública materializada no RCNEI, o que leva a um distanciamento da visão dos professores potiguaras em relação ao discurso do referido documento.

O fato de os professores entrevistados não terem falado diretamente dos processos próprios de aprendizagem indígenas como elementos diferenciais entre os dois tipos de educação escolar faz surgir uma interrogação: será que só os conteúdos estão sendo modificados na proposta de ensino e não os processos? Os processos próprios de aprendizagem são garantidos pelo ART.210 da Constituição e referendados pelo RCNEI. Só a criação de disciplinas não contribui para a educação normal se tornar diferenciada, os processos de ensino-aprendizagem dos indígenas têm que estar na base da educação escolar.

Nosso ponto de vista diante do exposto é o de que a escola pesquisada está em fase de implantação da educação diferenciada, a comunidade ainda tenta entender o que é a Educação Escolar Indígena, como ela deve ser construída e como deve ser feito o diálogo entre a educação branca e a potiguara para ser, quem sabe, mais atuante na causa. Há cerca de somente 5 anos esse povo tem tido a oportunidade de construir sua própria educação escolar, estão ainda muito presos aos métodos tradicionais de ensino do branco, distanciando-se, todavia, na forma de administração escolar. Setor em que é comunidade é muito ativa, opina e reivindica. Diante desse contexto de construção e implantação de uma proposta, fazemos nossas as palavras do Manoel Eufrásio Rodrigues (Professor e Liderança Potiguara) sobre o entendimento de Educação Escolar Indígena:

Para fazer Educação Indígena requer muito esforço, pesquisa, visitas e palestras, muita coisa para ser feita, e significa muito trabalho. O professor tem que ser um abnegado para fazer Educação Indígena. A gente não pode cruzar os braços diante dos obstáculos que encontramos por aí, pois se nós tivéssemos feito isso, não teríamos chegado até aqui, são 505 anos de resistência e não é possível que a gente vá recuar agora. Hoje, que temos o apoio de vários segmentos da sociedade, haveremos de vencer (PROFESSORES E ALUNOS POTIGUARA, 2005, p.10).

Referências

- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- ORLANDI, Eni Pucceinelli. **Língua e Conhecimento Lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PROFESSORES E ALUNOS POTIGUARA (Org). **Os Potiguara pelos Potiguara**. Baía da Traição: SEGRAF/FUNAI, 2005.

SANTOS, Gersen Luciano dos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade LACED/Museu Nacional, 2006.

TIBIRIÇA, L. C. **Dicionário Tupi – Português**: com esboço de gramática de Tupi Antigo. São Paulo: Traço Editora, 1984.